



CHRONICA REACCIONARIA

O movimento da reacção religiosa que se está produzindo em Portugal, e que tanto assusta os chamados espiritos fortes, não é uma coisa que nos sobresalte desagradavelmente. As probabilidades de exito que este movimento offerece, sinceramente o dizemos, captivam a nossa sympathia, e um amavel impulso, a que não podemos ser superiores, atrai-nos para o lado dos reaccionarios.

Não nos deixemos levar de animo leve nem vamos na incerteza do futuro que nos espera. Pensámos muito no caso, pezámos e medimos em rigor todas as circumstancias, estudámos todas as hypotheses, arrostamos com todas as conse nencias, e só depois de tudo isto feito nos decidimos a acompanhar o movimento.

Desde esse dia, temos experimentado uma bem - estar de corpo e d'alma que só pôdem avaliar os que, como nós, quizeram abraçar a verdade, e outro tanto fizeram.

Andamos bem comidos, bem bebidos, e bem garantidos - tres coisas estas que nunca nos tinham acontecido enquanto andámos enleitados nos logares-communs do regimen liberal.

Todo o reino de Portugal se transforma para nós em um verdadeiro reino dos céos.

A Reacção Religiosa desdobra-se em cooperativa de consumo e associação de soccorros mutuos.

Debaixo da sua administração e vigilancia, somos abastecidos dos melhores artigos de vestuario: temos, a preços reduzidos, o direito de viajar em todas as linhas de caminhos de ferro, e nos melhores logares; as sociedades anonymas offerecem-nos accões beneficiarias em todas as suas emissões; todos os bancos nos descontam letras; temos o melhor medico e a melhor botica.

Para a defeza da nossa propriedade temos a Policia.

Para a defeza das nossas costas temos a Guarda Municipal.

Para a defeza dos nossos principios temos o Fernando de Sousa.

Os filhos não nos dão cuidados, nem trabalho - ás vezes, até, nem o trabalho de os fazer.

E' o maximo a que se tem chegado em materia de commodidade.

Para os machinhos temos o Collegio de Campolide ou de São Fiel d'onde os rapazes saem promptos a ser conegos; e para as femeas temos as Trinas e o Bom Pastor, d'onde as raparigas saem - quando saem - promptas a ser mães.

A Associação da Mocidade Catholica é uma especie de Albergue de Creanças Abandonadas. Quando os paes não possuem meios de fortuna nem de influencia para os fazer triumphar, mettem-n'os na Associação, como se os mettessem na roda. E' por ali que elles entram na alta-roda da Misericordia divina! Com o sello d'essa roda, toda essa mocidade se encaminha depois pela vida fóra, passando a desempenhar as mais altas funcções do Estado no mechanismo das secretarias, na engrenagem dos ministerios, em todos os negocios do Reino e da Instrucção, da Justiça e das Obras Publicas, da Guerra e dos Estrangeiros, da Marinha e do Ultramar.

Elles serão os Directores-Geraes.

Elles serão os Juizes.

Elles serão os Ministros.

Elles serão finalmente os Conselheiros da Corôa!

A reacção religiosa está-se produzindo neste momento, em Portugal, com a exacta segurança d'uma reacção chimica. Ella é bem a *manifestação das propriedades caracteristicas de um corpo, determinada pela acção de outro corpo.*

Quem não fizer como nós, quem não a aceitar e se não quizer pôr do lado da força reagente, tem tudo a perder. Quem fizer como nós, a unica coisa que perde é a vergonha.

Nestas boas e tranquillizadoras circumstancias, nós tomamos a liberdade de dar graças a Deus - por ser esta a unica liberdade que o Sr. Juiz Veiga nos consente.

Depois da procellosa tempestade do Entrudo

Depois da semsaboria do Carnaval, que não poude ser maior, a semsaboria da Quaresma, que promete não ser menor. Um horror. Está sendo impossivel a vida em familia... portugueza. Uma pasmaceira de fazer abrir todas as boccas, incluindo as de incendio, as chamadas boccas de lobo, de José Lobo do Amaral.

Entra a gente n'um café e vê um magote de semsaborões arrumados ás mezas, com os olhos n'um jornal que não lêem.

- Então como vae você?

- Para aqui assim, aborrecidote.

N'um theatro. Durante um intervalo encontram-se os amigos.

- Que ha de novo?

- Estou massadissimo.

Na rua:

- Então que faz você? que diz?

- Nada. E você?

- Eu tambem não.

Assim sempre.

E é esta gente que não tem alegria, bom humor, phantasia, uma nesga de vivacidade, que exige que a gente tenha graça, muita graça, mesmo muitissima graça, á quarta-feira sem falta nenhuma, como se isto de fazer graça fosse coisa que se obtivesse por milagre do Senhor dos Passos da mesma.



Se soubessem quantas vezes nos vemos gregos cá em casa por causa dos senhores! Podem lá fazer idéa! Pensam que tudo isto se faz com uma perna ás costas, bem sabemos. Não se lembram que isso só é facil a quem tem quatro, porque lhe ficam ainda tres para armar em pé de galo. Mas a nós que só temos pés de galinha, e poucos, não nos á possivel cumprir a tarefa em taes condições.

Ha até quem nos julgue as creaturas mais felizes do mundo.

- Para onde vae você?

- Para a Parodia.

- Feliz homem. Pois eu vou para o trabalho.

- Tambem eu, homem de Deus. A Parodia para mim não é a parodia dos outros.

- Ora, esse é trabalho leve.

E dão-lhe com esta. E não ha meio de convencer esta gente que não ha nada mais grave que o periodo agudo de falta de graça circumflexa.



N'este momento horrivel de ter de fazer o jornal por força sem ter um unico acontecimento para debicar, sentimos mais que nunca a verdade do exposto e para o exposto temos pedido em vão á Misericordia do Posser ou á Misericordia Divina a secção de inspiração.

Mas o Posser diz que tem as amas todas molhadas desde o entruado e a Misericordia Divina não está em casa, na forma do costume.

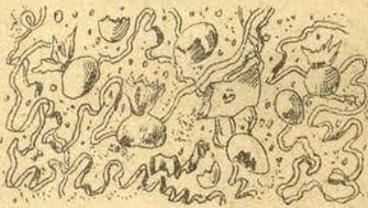
Que havemos de fazer? Não é possível obrar impossiveis. A's vezes os possiveis sa-be Deus o que custa!

Emquanto pensamos nas voltas que havemos de dar á vida, accendamos o nosso cigarrinho de Santa Justa e Rufina, que é o que está na nossa alçada de Paiva, e espere-mos que caia do tecto alguma cousa...



Mas como do tecto só pôde cair algum bocado de estuque que nos rache a cabeça, entretanto não succede tal fatalidade, aproveitemos um resto de miolo que não está a arder para procurar sempre.

Pouco podemos obter com esse resto de miolreira que a generosidade do brinçalhão lisboeta nos deixou para uso das praticas quaesmasas. Nós fomos das primeiras victimas da tolerancia do Sr. Conselheiro José de Azevedo, cantada em todos os tons pelos nossos collegas que não tiveram a ventura suprema de lhes vazarem os olhos com ovosau-thenticos ou de sentirem os queixos partidos com embrulhinhos de areia e outras delicias.



Nós e o Sr. Infante D. Affonso, que apañou com um ovo de gallinha preta na serenissima nuca, podemos fallar de cadeira. Graças a Deus nem os prin'ipes foram pou-pados! Tambem, seria a p'imeira vez, va-lha a verdade.

Não concluiremos sem cumprir o indeclinavel e grato dever de pedir ao governo uma portaria de louvor ao Sr. José de Azevedo pela sua tolerancia com a porcarias do carnaval. Mais pedimos uma commenda para um cavalheiro que fez uma encomenda de oitenta duzias de ovos que estrellou e fez em omelettes na cara do proximo. Ainda solicitamos uma banda de Maria Luiza para D. Luiza Maria que se tornou notavel por por de cabeça á banda todos os desgraçados que passavam ao alcance da sua inexpugnavel fortaleza, sita na rua do Poço dos Negros. Mais pedimos um subsidio ao Sr. Res-sano Garcia para ir ao estrangeiro tratar da sua combalida saude, profundamente abala-da pelo uso de cocottes que sua excellencia fez durante os tres dias e tres noites do Carnaval.



E não nos occorrendo nenhum outro nome de benemerito para apontar á generosidade do governo, damos por terminada a nossa tarefa, sentindo o prazer d'alma que se alteia bello de quem cumpriu um alto dever civico ou um baixo dever civicabeça.



POR AQUI, POR ALI E POR ACOLI

Julgamos util transcrever esta noticia do jornal *Noticias d'Evora*.

«Ontem, pelas 7 horas da noite, na Porta Nova, uma burra conduzida pela arreata foi de encontro ao sr. padre Pereira Serra, fazendo-o cair».

Pergunta-me aqui do lado o collega :
—Mas porque diabo regista você isso?
—Oza essa! Você não vê que a burra foi á Serra!



O Sr. João Vianna, praticante de pharmacia no seu appellido, fez as suas disposições testamentarias n'uma especie de hymno á sua capa azul, embrulhada na qual vac por estas noites geladas falar á dama dos seus pensamentos e dos nossos tormentos. Referindo se em especial á sua p'era, o Sr. Vianna dispõe:

Barbeiro da minha aldeia,
Não cortes a minha p'era,
Para recordar os beijos
Que a minha amada lhe dera.



Barbeiro de aldeia, tenha pena do homem e deixe-lhe a p'era. Veja até se lhe arranja outra e verá como as duas desaparecem.



Na Camara dos Deputados, o sr. Costa Pinto insistiu na necessidade de se alargar a Rua do Arsenal, e disse, a proposito, que já em tempos alguém pensara em estabelecer, por baixo, e em toda a extensão do edificio da Escola Naval, uma passagem, á semelhança do que se faz nas grandes cidades...

A' parte do Sr. Santa Rita :
—Pois sim, pois sim!
Mas o peor da passagem,
Foi que o pagem...
Foi que o pagem.
Não morreu!



Noticia um jornal de Carrazeda que existe ali um velho de 106 annos, em volta do qual se agglomera toda esta gente: 12 filhas casadas e todas ellas com os maridos vivos; 4 filhos tamb m casados, e nenhum d'elles viuvo; 44 netos de ambos os sexos; e de 6 d'estes netos 36 bisnetos.

Nos dias de festa, quando toda esta familia se reúne, o feliz velho, para ver se está tudo certo — tira-lhe a prova dos nove!



Um illustre missionario d'Africa, ha pouco regressado á metropole, conversava ante-hontem com um conhecido director dos Assucares de Moçambique, e explicava que os pretos são naturalmente tão bons, que tudo se consegue d'elles quando sejam tratados com doçura.

— Ora essa! Sempre tenho ouvido dizer o contrario, e que só desancando-os se obtém d'elles algum trabalho!

— Pois é verdade, é verdade, explicava o missionario. Mas é necessario desancal-os com uma canna... d'assucar!

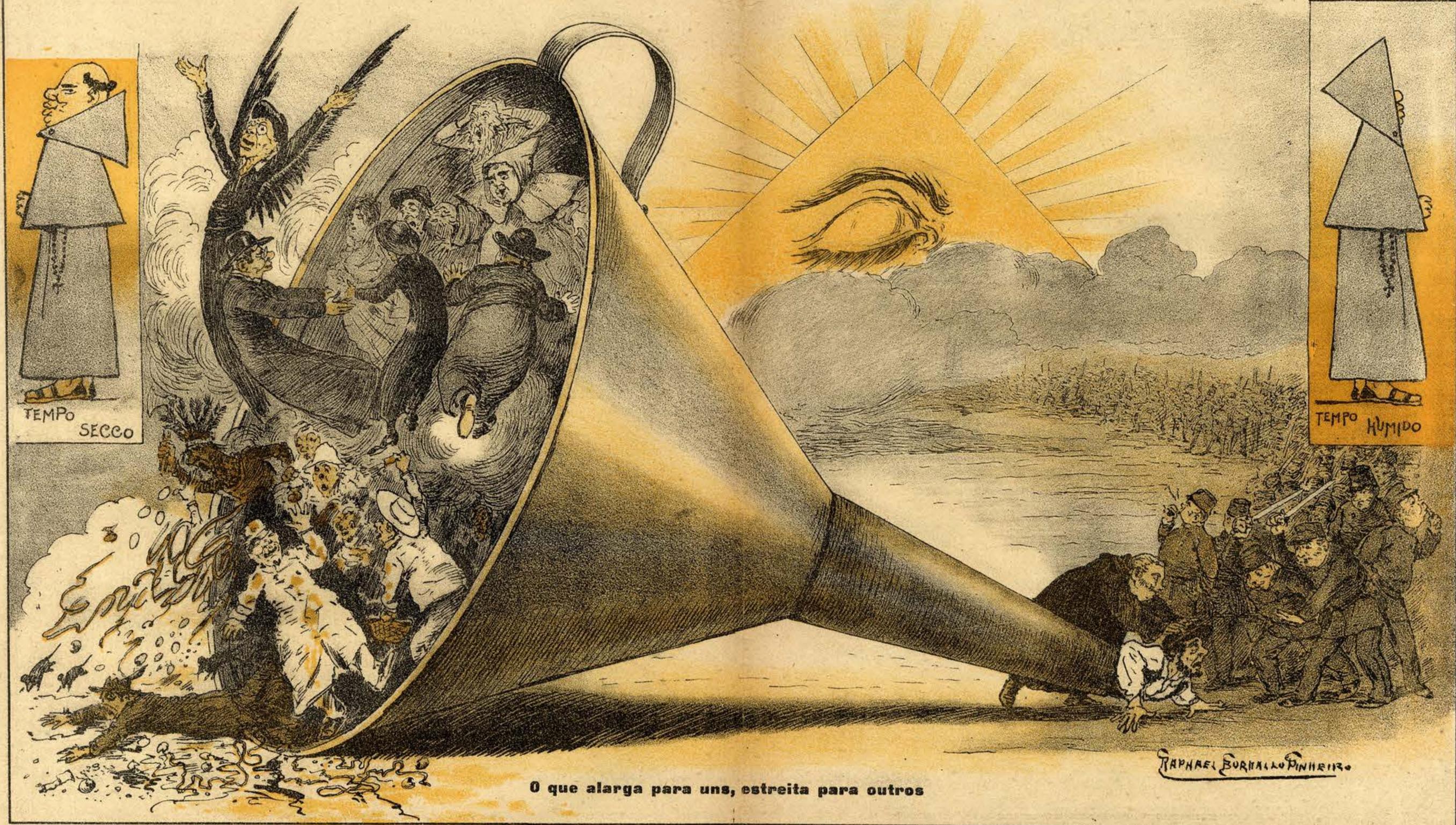


Num exame de historia :

— Como foi assassinada D. Inez de Castro?



— Com cinco volumes do Faustino de Fonseca.



A PARODIA

AUCTORES INTERPRETADOS PELAS SUAS INTERPRETES

O successo obtido pelo desenho da distincta actriz Maria Pia, publicado no nosso numero passado, foi provocar entre as

suas collegas d'outros theatros o desejo de tambem ellas mostrarem as suas habilidades e interpretarem graphicamente os auctores das peças em que entram.

Movidas por natural emulação, desataram todas a puxar pelos seus respectivos talentos, chegando mesmo algumas a produzir coisas que nos pareceram dignas da publicidade.

E', pois com grande prazer e sem sombra de inveja que reproduzimos hoje os productos artisticos de quatro das nossas mais talentosas actrizes.

Elles ahi vão :

(1) Retrato de Sousa Bastos,
por Palmyra Bastos da Avenida da Liberdade.

(3) Retrato de D. João da Camara.
por Adelina Ruas de Lisboa.

(2) Retrato de Schwalbach.
pela actriz Beatriz de Dante por um 1912.

(4) Retrato de Marcellino Mesquita.
por Virginia Paulo de D. Maria



PERGUNTAS E RESPOSTAS

— Porque é que a Beneficencia passa para o Ministerio do Reino ?



— Porque tratand-se de um caso suspeito e havendo roupa suja, a beneficencia tem de ficar a cargo da Repartição de Saude.

— Em que se parece o Conde de Restello com o Mundo ?



— Em ser como elle redondo, e tambem achatado, agora... para os polos !



Cumulo :

De mathematica. — Extrahir a raiz quadrada d'um calo.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezas

SERVIÇO DOS ARMAZENS

Fornecimento d'oleo de linhaça

No dia 4 do proximo mez de Março pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio) perante a Commissão executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de

14.000 kilogrammas d'oleo de linhaça

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição Central dos Armazens (edifício da Estação de Santa Apollonia), todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde e em Paris nos escriptorios da Companhia, 28, rue de Chateaudun.

O deposito, para ser admitido a licitar, deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação central do Rocio.

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1901.—O Director Geral da Companhia, Chapuy.

Fornecimento de ferros

No dia 4 de março pela 1 hora da tarde, na estação central de (Rocio) perante a Commissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de ferros diversos.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição Central dos Armazens (edifício da estação de Santa Apollonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde e em Paris nos escriptorios da Companhia, 28, rue de Chateaudun.

Lisboa, 1 de fevereiro de 1901.—O director geral da Companhia, Chapuy.



Capa para encadernação do 1.º volume d'A PARODIA Preço 700 réis

Está á venda, em Lisboa, no escriptorio da nossa Administração, na Rua Augusta 220 e 222, e em diversas livrarias e tabacarias. No Porto, em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro. Em Coimbra, na livraria de J. Mesquita.

A Administração encarrega se de mandar encadernar o volume pela quantia de **200 réis.**

Os pedidos da Provincia para remessa de capas, deverão ser acompanhados de 40 réis para porte do correio, de cada capa.

**O Porto cinzeiro
ou a cinza no Porto**

(Retardada por ter chegado muito quente)



BENEFICENCIA

Reuniu ha dias extraordinariamente a Camara Municipal de Lisboa, a fim de protestar energicamente contra a violencia exercida pelo Sr. Presidente do Conselho, apresentando ás Côrtes um projecto de lei em virtude do qual os serviços de beneficencia passarão para o Ministerio do Reino, diando adeusinho á nobre edilid. de lisbonense, que até á data os exerceu com aquella caridade que se diz ser a bem entendida, e por um processo tão imparcial como o do Sr. Carneiro de Moura.

E' conhecida a attitude da Parodia n'essa questão. Sempre estivemos do lado da Camara, que é como quem diz que sempre dançam s da banda da papelreira. Por isso é logico o nosso procedimento de hoje, collocando-nos ao lado do Sr. Conde de R. stello, chorando com S. Ex.ª a morte da sua austera beneficencia, a morte da severa caridade do illustre burgo mestre e lord maior de Lisboa.

Póde o Sr. Conde contar absolutamente comnosco, bem como o luzido regimento dos seus sobrinhos, afilhados, amigos, amigos dos seus amigos, adherentes ausentes, presentes, mortos e vivos.

Sómente não acompanharemos o Sr. Conde ao Paço para secundar S. Ex.ª nos seus justos clamores contra o nefando projecto. Fomos prohibidos pelo Sr. juiz Veiga de tomar parte em tal manifestação e do Governo Civil mostraram-nos o funil, que o Sr. Conde póde verificar pela nossa pagina central de hoje ser um verdadeiro canudo.

Estamos muito gordos, merce das varias beneficencias exercidas no paiz para nos mettermos em tal entalacão.

Tal perigo não corre o Sr. Conde, porque a despeito de ser tambem avantajado em carnes, tem bojo para tudo e póde perfeitamente safar se pela parte larga do interessante objecto, saindo da aventura incolume. Nós, se saíssemos, era incoestopa.

No resto, p'ra a vida e para a morte. A Parodia estará sempre do lado da pobreza envergonhada, ou então pelo contrario.

Recordam-se vocês do bom nabo d'outr'ora,
Do nabo que passou e que não volta mais,
Quando iamos a rir por essas ruas fóra
Levando p'lo nariz tremoços dos pardaes?
Chegavamos o corpo á mais trivial penhora
E c'o a pança atulhada em cheio de vinhaça,
Era uma borga tal de ditos e de piadas
Que escacávamos tudo a cargas de chalaça!
Quantas vezes ahí, d'ilhargas rebentadas
O Porto rebolou a rir de cabo a rabo!
Porque era tanta a graça e fino o palavreado,
Que elle viu se obrigado

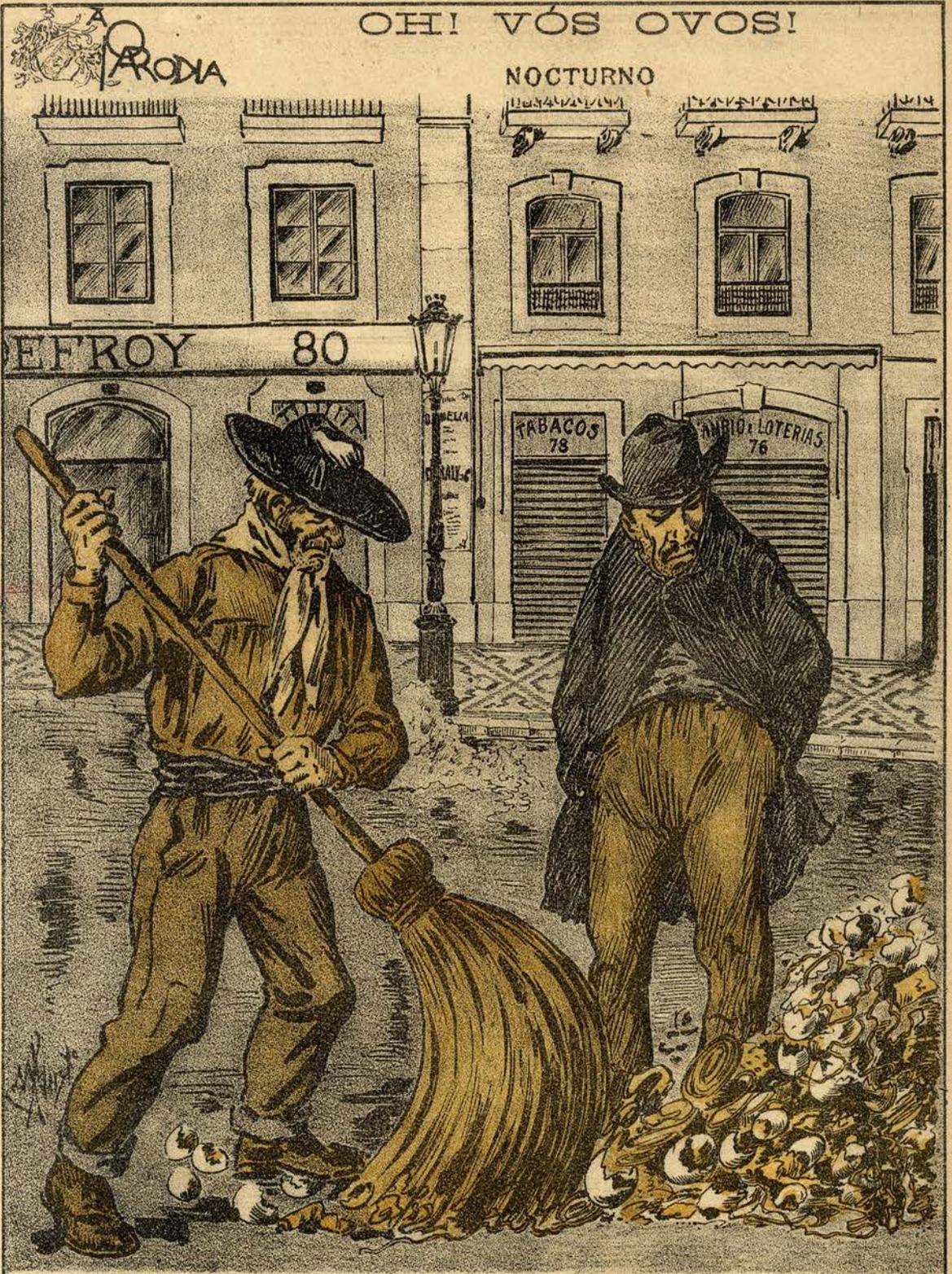
A pedir muita vez p'ra suspender o nabo!
Nunca mais! nunca mais! Nem nabo nem nabiça!
Quarta feira de cinza entra comnosco á pala,
Arranca-nos da mão a esplendida hortaliça
E sem mais chus nem mos a gente ha de gramal-a!
Porque quando ella chega, a austera quarta-feira,
E impéra a agua benta onde houve vinho a pau,
Em vez da feijoada e competente orelheira
Tem que curvar-se a gente e entrar no bacalhau!
Meus amigos! O nabo é como que um ponteiro
Que das seis horas se ergue e uma vez ás avessas
Cae de novo... e se acaba a corda por inteiro
Quer subir outra vez e não vai lá com essas!
Por isso quando soa a hora da abstenção,
Mostrando-nos na rua o tremoçal a inchar,
E' nos grato parar, e ao vêrmos que horas são,
Volver o olhar e c'nfim vêr o ponteiro a andar!

E p'ra traz, para as seis, d'onde só se erga ao cabo,
Quando o bom Carnaval irrompa da embriaguez,
Porque aí! elle tambem é como a flôr do nabo
Que n'um anno floresce apenas uma vez!

Como o amigo fiel, seguro e dedicado
Que das flores do affecto a nossa estrada junca
E nos vê muita vez com o caldo entornado
Mas não nos abandona a cabeceira nunca,
Assim, amigos meus, o Lima Junior vem,
Agora que o jejum manda a carne á tabua,
E o Zé Vitellius monta a lusa vacca e bem
— Porque esse é que no fim de contas não jejua,
Atulhar-me, coitado! em boa chicha a pança,
Que eu recuso afinal em termos bem formaes
Porque afinal tambem não me mata a lembrança
Do nabo que passou e que não volta mais!

Pelo «Lavraders», do Porto,
que é ta igualmente o «Chê-Chê» de Lisboa.

TITO LITRO.



(Em Quarta-feira de Cinzas, quando a vassoura municipal varre a enxurrada carnavalesca do Chiado).

—O que é a felicidade! Tanta omelette perdida! E pensar que uma simples gemada me faria agora o homem mais feliz do mundo!